

Ferramentas do Fazer

DF. Cultura

Núcleo Bandeirante expõe o resultado de um templo onde só é permitido criar e criar e criar

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

A Casa do Fazer, movimento cultural do Núcleo Bandeirante que agrega artistas plásticos e artesãos, está expondo o fruto de seu trabalho no mezzanino do Link Park Hotel. O local, recém-inaugurado para as artes, é o único disponível na mais antiga satélite do Distrito Federal. "Embora o Núcleo tenha 35 anos de história", diz o pintor Jorge Eschriqui, alma da Casa do Fazer, "não dispomos aqui de nenhuma galeria, nenhum cinema, nenhum teatro".

A exposição reúne 63 trabalhos (34 pinturas, 17 esculturas, seis utilitários e seis cerâmicas), de dez artistas e artesãos. Além de Eschriqui, o mais conhecido dos pintores radicados no Núcleo Bandeirante, a Casa do Fazer reúne Cavalcante de Barros, Maria Auxiliadora, Elton Skartazini, Marlon Mais (que chama atenção com suas esculturas vazadas, Umazo Shinoda, Gilberto Barros, Aldebarã, Cláudia Ramos e Marcelo Policarpo.

O resultado da Coletiva de Pintores e Escultores do Núcleo Bandeirante se resumiria a "mais uma exposição", se por trás dela não estivesse a Oficina de Madeira, do Museu Vivo da Memória Candanga (que funciona nas cercanias do Núcleo Bandeirante, no espaço outrora ocupado pelo Hospital Júlia Kubitschek). Lá, o pintor e escultor Jorge Eschriqui, 53 anos, um carioca que rodou muito até radicar-se em Brasília, em 1976, trabalha com crianças e adolescentes tendo a madeira como matéria-prima. Ao lado da Oficina, dentro da Casa Amarela (uma das muitas construções que compõem o complexo do Museu Vivo), ele instalou seu ateliê. Daí que alunos e monitores convivem com ele (e seu processo de criação), cotidianamente.

Memória — Jorge Eschriqui é um apaixonado pela memória do Núcleo Bandeirante. Como os pioneiros, cultiva o nome original da satélite — Cidade Livre (o mais populoso dos acampamentos que ergueram Brasília). E, anualmente, batalha pela realização do salão *Pinte a Cidade Livre*, que em dezembro próximo terá sua nona edição.

Em 1988, com apoio do BRB, Eschriqui executou projeto que o apaixonava há anos: contar a história da Cidade Livre/Núcleo Bandeirante em concreto armado. Na Avenida Central, no coração da cidade, ele plantou esculturas que, somadas, chegam a 80 metros de extensão. Para materializá-las, consumiu oito toneladas de concreto e ferro. No concreto imprimiu imagens de pioneiros, de JK, Bernardo Sayão, Padre Roque, do floricultor Onoyama (para lembrar os japoneses que ajudaram a construir a cidade), de mulheres e crianças, da paisagem natural (flora e fauna, com destaque para o lobo guará) e de momentos históricos.

Cada bloco de concreto (alguns constituem-se em jardineiras, ainda sem flores) traz, além de imagens esculpidas, *legendas* da epopéia da construção. Estas *legendas* narram, em verso, os feitos e valores dos personagens homenageados.

O processo de criação das esculturas em concreto armado tomou apenas 20 dias de trabalho (intenso) do artista. Primeiro, ele preparava uma *forma* em argila. Depois, vinha a hora de fundir a peça. Nesta etapa, Eschriqui aplicava no material base de pátina (tratamento com ácidos, para obter cor esverdeada sobre cobre ou bronze).

O artista já fez sua parte há três anos. Mesmo assim, não está sossegado. Ele quer ver as criações dos artistas do Núcleo Bandeirante expostas na histórica

Avenida Central. "Por isto", avisa, "estamos organizando o salão *Pinte a Cidade Livre* em novas bases. Este ano, os trabalhos premiados serão recriados em painéis de azulejos (executados para exteriores), que, somados às esculturas em concreto, transformarão "a satélite na cidade que mais valor dá à sua memória".

A população parece indiferente ao trabalho de Eschriqui, mas isto não o intimida. "A obra, que consumiu oito toneladas de concreto e ferro, nem teve inauguração solene. Pouca gente a conhece", admite. Mas, pondera, "a população do Núcleo a respeita. Tanto é que não foi, neste três anos, vítima de pichação, nem de depredação".

Agitador cultural — Eschriqui forma com os cineclubistas Volni Batista e Antônio de Sousa, o Tonico, o trio mais ativo da vida cultural do Núcleo Bandeirante. Sedimentados nas lembranças do passado de glórias da cidade (de 1956 a 1961), eles não medem esforços para ver o Núcleo equipado com uma Casa de Cultura, cinema, teatro e galerias. Enquanto esta infra-estrutura não chega, atuam dentro "do possível". O mezzanino do hotel Link é uma das saídas.

"A vantagem do espaço que nos foi oferecido pelo Hotel", pondera Eschriqui, "é que ele funciona de segunda a segunda, das oito da manhã à meia-noite". Quem, portanto, quiser visitar a mostra da Casa do Fazer pode fazê-lo até o final do mês, dispondo para tal de 16 horas do dia.

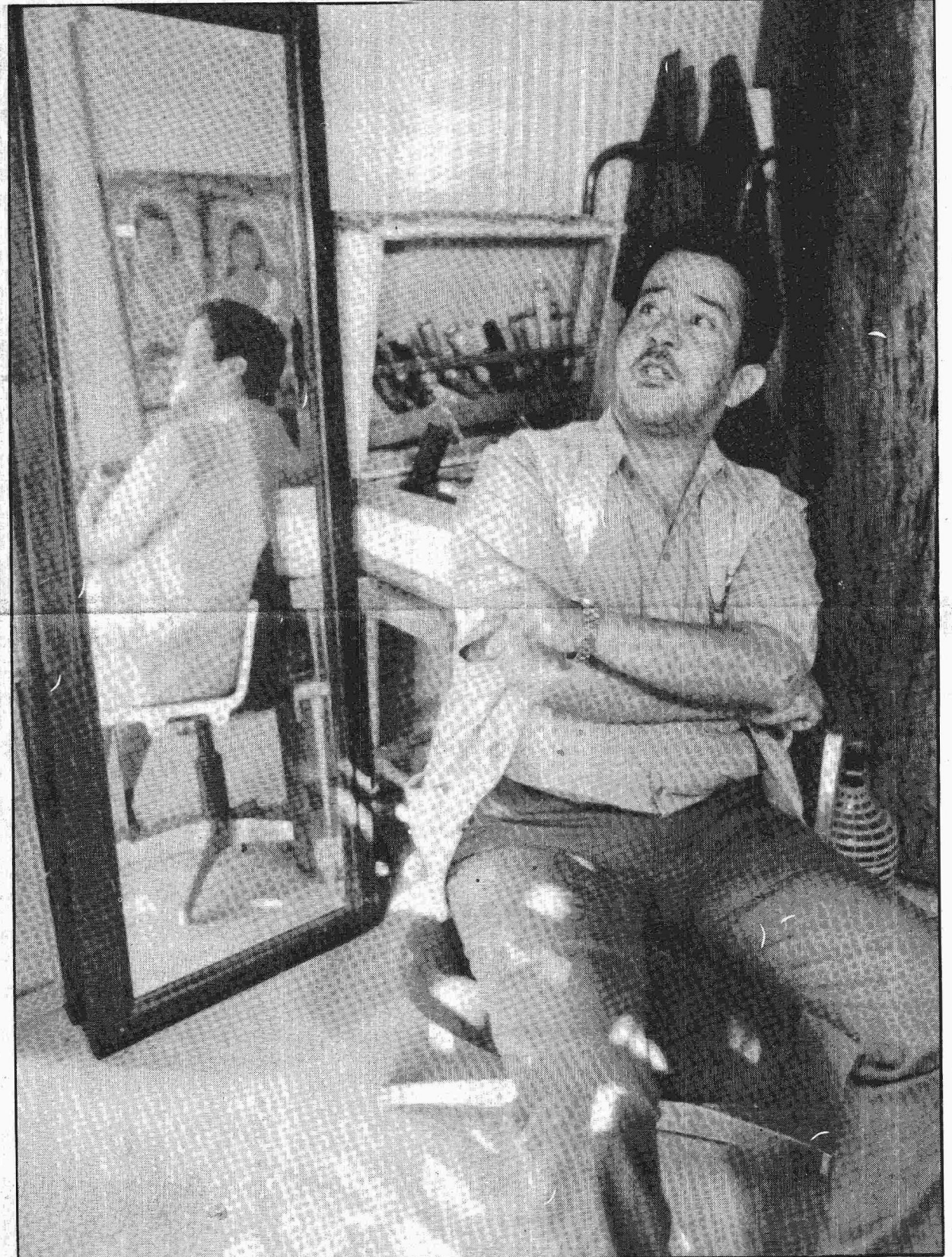
Oficinas — Além de pintor, escultor e agitador cultural, Eschriqui ocupa outra função: a de representante do Núcleo Bandeirante no Conselho Tutelar da Criança (organismo que presta assessoria ao Juizado da Criança e do Adolescente). "Nosso trabalho aqui", pontua, "pauta-se por prioridade básica: atender a crianças e adolescentes carentes, que vivem pelas ruas". Esta parcela da população é atendida nas Oficinas do Museu Vivo da Memória Candanga e na Fundação Praia Verde, outro projeto em atividade na satélite (no bairro da Candangolândia).

Além das oficinas de Madeira, Cerâmica e Tecelagem, o Museu Vivo da Memória Candanga está montando uma Oficina de Serigrafia e um Curso de Instrumentos e Ferramentas para Artesãos. Cada oficina atende, em média, a 45 pessoas, divididas em turmas de 15 alunos.

"O Curso de Instrumentos", explica Eschriqui, "é da maior valia, pois ele ajuda o artesão a criar suas próprias ferramentas e a confeccionar matrizes de grande valia em seu trabalho diário".

□ **CASA DO FAZER** — Exposição de Artistas e Artesãos do Núcleo Bandeirante. No mezzanino do Link Park Hotel (próximo à Administração Regional da satélite). Até dia 31 de julho. Visitação das 8h00 às 24h00.

Fotos: Márcio Batista



O pintor Jorge Eschriqui, alma incansável da Casa do Fazer: instrumentos para a obra de arte



A Oficina de Madeira do Museu Vivo da Memória Candanga